

Sarney segue Dutra

7 4 ABR 1965

Dizia o velho marechal Eurico Dutra, nas raras vezes em que abria a guarda e admitia discorrer sobre política, que enquanto foi ministro da Guerra jamais determinou prontidão ou sobreaviso nos quartéis, em meio a crises políticas. Pelo contrário, quando a política entrava em ebulição ele fazia questão de providenciar para que a oficialidade fosse para casa mais cedo. Explicava que determinar prontidão ou sobreaviso seria aumentar a crise, pois permanecendo nos quartéis, sem nada para fazer, a oficialidade começava automaticamente a ficar intranquila e a se tornar presa fácil para conspirações. Era melhor que fosse cuidar dos filhos ou ir ao cinema, dispersando-se na sociedade civil.

Parece que José Sarney, sem ter convivido com o ex-presidente, lhe aprendeu a lição. E não se fala dos militares, de quem cuidam o general Leônidas Pires Gonçalves e os demais ministros fardados, também repudiando a idéia de quaisquer sobreavisos ou prontidões. Fala-se da ação do presidente em exercício na área política. Em meio à tensão e angústia dos dias atuais, não foi por casualidade nem por falta de ânimo que ele recomendou aos ministros permanecerem em seus ministérios, e aos governadores, não deixarem seus Estados para ir a São Paulo ou a Brasília. Foi de propósito. De caso pensado. Sarney entende que uma revogada de governadores à Capital Federal ou ao Instituto do Coração apenas serviria para acirrar os ânimos. Eles se encontrariam, trocariam apreensões, marcariam encontros informais em hotéis ou gabinetes, cerca-dos pela imprensa, e logo surgiriam

esquemas, frentes ou sucedâneos, entre idéias de se agir assim ou assado diante do imponderável. Mesmo sem a intenção, os chefes de Executivo estadual acabariam perturbando.

Vale coisa igual para os ministros. Se desvinculados da simples rotina de suas pastas, agrupados em São Paulo ou mesmo em Brasília, prospectando o futuro ou lamentando o passado, contribuiriam para elevar a temperatura.

Assim, o melhor será que todos, mesmo engolido em seco, se atenham às questões pertinentes às suas áreas. Encontrem forças para ir administrando, mesmo a meia-carga. Os fatos não dependem deles, infelizmente, mas da Providência Divina, no que se refere à saúde do presidente Tancredo Neves. As projeções a ser feitas, diante do pior, são as óbvias, e quanto menos se descer a detalhes menor será o constrangimento geral.

Sarney dá o exemplo. Na semana que passou, esteve todos os dias no Palácio do Planalto, despachando, dando audiências e recebendo visitas. Não foi fácil, já que sua atenção estava na Unidade de Terapia Intensiva do Instituto do Coração, em São Paulo, mas outra solução não havia. Ninguém deve esperar que de seu trabalho de substituto, como do trabalho de qualquer ministro ou mesmo dos governadores, possam fluir decisões perfeitas, ideais para os grandes problemas nacionais. Seria ilusão imaginar que ele e o governo, na atual quadra, dispusessem de condições até emocionais para agir como em tempos normais. Mesmo assim, ficar e trabalhar constitui a melhor saída.